

cadernos
IHU
ideias

**Ponto de cultura
teko arandu**

Neimar Machado de Sousa
Antonio Brand
José Francisco Sarmento



Os *Cadernos IHU ideias* apresentam artigos produzidos pelos convidados-palestrantes dos eventos promovidos pelo IHU. A diversidade dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é um dado a ser destacado nesta publicação, além de seu caráter científico e de agradável leitura.



**Ponto de cultura teko arandu
uma experiência de inclusão digital
indígena na aldeia kaiowá e guarani
Te'yikue no município de Caarapó-MS**

Neimar Machado de Sousa

Antonio Brand

José Francisco Sarmento

ano 9 nº 154 2011 ISSN 1679-0316

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor
Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor
José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor
Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo
Jacinto Aloisio Schneider

Cadernos IHU ideias
Ano 9 – Nº 154 – 2011
ISSN: 1679-0316

Editor
Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial
Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos
Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos
Profa. Dra. Marilene Maia – Unisinos
Dra. Susana Rocca – Unisinos
Profa. Dra. Vera Regina Schmitz – Unisinos

Conselho científico
Prof. Dr. Adriano Naves de Brito – Unisinos – Doutor em Filosofia
Profa. MS Angélica Massuquetti – Unisinos – Mestre em Economia Rural
Prof. Dr. Antônio Flávio Pierucci – USP – Livre-docente em Sociologia
Profa. Dra. Berenice Corsetti – Unisinos – Doutora em Educação
Prof. Dr. Gentil Corazza – UFRGS – Doutor em Economia
Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel – UERGS – Doutora em Medicina
Profa. Dra. Suzana Kilpp – Unisinos – Doutora em Comunicação

Responsável técnico
Marcelo Leandro dos Santos

Revisão
Isaque Gomes Correa

Editoração eletrônica
Rafael Tarcísio Forneck

Impressão
Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Instituto Humanitas Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil
Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467
www.ihu.unisinos.br

PONTO DE CULTURA TEKO ARANDU

UMA EXPERIÊNCIA DE INCLUSÃO DIGITAL INDÍGENA NA ALDEIA KAIOWÁ E GUARANI TE'YIKUE NO MUNICÍPIO DE CAARAPÓ-MS

Neimar Machado de Sousa

Antonio Brand

José Francisco Sarmento

Introdução

Esse artigo constitui-se em uma reflexão a respeito de uma experiência desenvolvida na Terra Indígena Te'ýikue, localizada no município de Caarapó, Mato Grosso do Sul. Está relacionada com a implantação do Ponto de Cultura Teko Arandu¹ e pretende trazer e discutir formas e conteúdos desenvolvidos pelos professores indígenas com a incorporação da internet e outras tecnologias de informação em seu cotidiano. O voltar-se sobre essa experiência parece-nos fundamental, considerando inicialmente que estamos num momento em que “informação e conhecimento são fatores primordiais” (MACHADO, 2008, p. 15), fato que leva Hall (2006, p. 36-38) a afirmar que o “indivíduo pós-moderno” é o indivíduo da “sociedade de informação”.

O conceito de tecnologia da comunicação, especialmente a mídia *internet* – utilizado nesse trabalho –, o considera inicialmente como a aplicação de conhecimentos científicos à produção em geral e, no caso da cultura, não haveria de ser diferente como produto de relações sociais historicamente situadas. Ademais, a cultura, tomada no seu sentido de virtualidade, adquire aqui uma feição de cibercultura ou de virtualidade.

A virtualidade, é importante que se diga, consiste numa terminologia aristotélica, como potencialidade. A partir desse ponto, inicia-se a reflexão a respeito dessa iniciativa junto aos kaiowá de Te'ýikue. Lévy (1996, p. 15-16) esclareceu que a palavra virtual é utilizada pejorativamente no sentido de ilusão e oposto a real enquanto efetuação material. Tal distinção é grosseira, pois

1 É uma atividade desenvolvida pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas – Neppi, da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, com o apoio do Programa Cultura Viva do Ministério da Cultura, Programa Gesac, do Ministério das Comunicações e da Prefeitura Municipal de Caarapó-MS.

virtual apenas se opõe a atual e não a real. Virtual, do latim *virtuatis*, é que existe em potência e tende a atualizar-se. O possível, nesse outro sentido proposto, é exatamente como o real, mas falta-lhe a existência.

Tendo em vista essas reflexões, propõe-se o uso dessa terminologia para analisar a experiência do Ponto de Cultura Teko Arandu, pois a realidade dos Guarani e Kaiowá, em que se deu a experiência-piloto de inclusão digital indígena, reproduz-se enquanto virtualidade. A condição de confinamento territorial em que este povo se encontra manifesta-se também em confinamento virtual midiático, especialmente na mídia internet. A partir desse ponto, durante as reuniões de planejamento da implantação do Ponto, no primeiro semestre de 2008, coordenada pelo professor José Ribamar Bessa Freire, da UFRJ, constatou-se que inclusão digital de uma população etnicamente diferenciada deveria ser igualmente diferenciada. No caso dos Guarani e Kaiowá, não poderiam evidentemente ser somente a chegada e a apresentação aos índios de equipamentos de comunicação. Um ponto de cultura que promovesse a inclusão digital indígena precisaria ser, na opinião dos professores indígenas, um ponto contra o preconceito virtual equivalente na internet, uma mídia convergente à discriminação real.

Seguindo-se o diálogo sobre virtual e real, cabe destacar a observação de Lévy (1996, p. 12) segundo a qual

muitos filósofos já trabalharam sobre a noção de virtual, inclusive alguns pensadores franceses contemporâneos como Gilles Deleuze e Michel Serres. [...] não me contentei em definir o virtual como um modo de ser particular, quis também analisar e ilustrar um processo de transformação de um modo de ser em outro.

Os guarani e kaiowá não fogem à regra do processo de hibridização cultural pelo qual passam as culturas na América Latina, como bem destacou Canclini (2008). Essa hibridização pode ser observada na relação dos professores e alunos da Escola Indígena Nhandejara, aldeia Te'yikue, com as novas tecnologias, especialmente a internet, disponibilizada pelo Ponto de Cultura Teko Arandu.

Acredita-se que a execução desse projeto, naquela terra indígena, expressou o plano inicial, tal como proposto por Turino (2009, p. 7), de “des-silenciar” o Brasil profundo. Em sua exposição, Turino (2009) afirmou que o propósito de um ponto de cultura é oferecer ferramentas que possibilitem aos silenciados, no caso os kaiowá e guarani, serem vistos e ouvidos.

O problema que se propõe como guia desse artigo é investigar a recepção e o uso das novas ferramentas de comunicação nesse Ponto de Cultura. Os limites analíticos das posições em torno do tema foram tomados de empréstimo das categorias de

Lévy (1996): apocalípticos ou integrados. Esses marcos lógicos, embora simplificadores, podem ser utilizados como marcos lógicos para conduzir a análise. Podem ser formulados da seguinte maneira:

- a. A cultura dos guarani, população etnicamente diferenciada, em contato com colonizadores na América, desde 1505, estaria novamente ameaçada pela avalanche de informações trazidas para a terra indígena pela “aldeia global”, através das ferramentas de comunicação. É a perspectiva apocalíptica.
- b. A virtualização implicaria em possibilidades e potencialidades novas para os Kaiowá e Guarani, e outros povos indígenas, de registrar seu dia a dia e de não só continuar perpetuando representações distorcidas sobre seu povo, mas finalmente apresentar, sem intermediários, seus pontos de vista. É a perspectiva integrada.

Faz-se importante ter presente que lidamos com indivíduos que integram um povo portador de uma cultura própria, e que, até algumas décadas atrás, vivia em relativo isolamento geográfico, considerado, pela antropologia da época, importante para o futuro da identidade desses sujeitos etnicamente diferenciados. Pellanda (2000), sem ter em conta situações específicas como a dos povos indígenas, reconhece que essa “nova cultura” ou “cibercultura” tem um “alcance muito profundo na construção da sociedade e dos sujeitos devido às formas de relação dos seres humanos com esses dispositivos” (PELLANDA, 2000, p. 9). As novas mídias, no caso da aldeia Te’ýikue, possibilitaram a ampliação da interatividade com o entorno não indígena e têm possibilitado aos kaiowá, especialmente aos mais jovens, manter um intercâmbio real com outros povos indígenas que vivem em aldeias distantes, inclusive no Paraguai e Argentina. Não é preciso acrescentar o fascínio que a informática exerce sobre os mais jovens. Justamente, por conta desta atração, tais ferramentas constituem-se em estratégias educativas que não podem ser negligenciadas, tendo em vista, especialmente, que 54% do povo guarani têm menos de 17 anos de idade. Assim, ações voltadas para este segmento terão importante impacto sobre o futuro desse povo.

Para Lévy (1993 apud MACHADO 2008, p. 117), a “informática intervém nos processos de subjetivação individuais e coletivos”, modificando “hábitos e costumes” e gerando “novas representações sociais” (MACHADO, 2008, p. 117). Que novas possibilidades essas tecnologias permitem no âmbito das escolas indígenas e de suas comunidades? Como interferem e que relações entre os integrantes da mesma comunidade e com o entorno regional essas novas tecnologias engendram? Confrontamo-nos com uma questão sobre a qual há pouca produção aca-

dêmica. Por isso, mais do que conclusões, objetivamos trazer para a discussão uma questão complexa que exigirá de todos, especialmente, revisitá e rever velhos conceitos como cultura, identidade, diferença e fronteira.

Lévy (1999, s/n) observa que, diferentemente da escrita e dos meios de comunicação convencionais, a internet “reflete uma universalidade sem totalidade”. Ela comporta, segundo esse autor, por isso mesmo a diversidade. Cabe perguntar se a experiência em foco confirma essa pretensão ou possibilidade de se constituir em meio mais adequado à afirmação das diferenças culturais e, por isso, em meio de comunicação eficaz na perspectiva e sob o domínio dos povos indígenas, no caso dos Guarani. Essa é certamente a pergunta mais relevante subjacente ao trabalho.

A experiência, do Ponto de Cultura na aldeia Te’ýikue, teve início com a inscrição em um edital do programa Cultura Viva, do Ministério da Cultura, em 2005, sendo que a execução da experiência iniciou em fevereiro de 2008 com os primeiros financiamentos.² A proposta do Ponto de Cultura Teko Arandu – “lugar de cultura sábia” ou “modo inteligente de viver”, na língua guarani – foi dividida em metas anuais e ações nominadas de pré-produção, produção, aquisição de kit multimídia, operacionalização, capacitação e divulgação.

Ramires (2009, p. 4), técnico kaiowá, que atua no Ponto de Cultura, entende que “para os guarani e kaiowá, a inclusão digital é uma nova arma para se defender, já que no passado as lutas eram de maneira diferente e hoje não dão mais certo”. Ele afirma que, mediante a incorporação das novas mídias, “pode-se mostrar ao mundo que existem as diferenças – um povo cheio de esperança, tentando sustentar a sua cultura sufocada pela sociedade individualista”. O mesmo representante indígena afirma que “apossar-se” das mídias como jornal, revista, rádio, telejornais e outros significa explorá-las para a “razão de tudo”, que é a “demarcação das terras indígenas”, apontada como “vilão para o progresso do estado”.

Conhecidos como “povos da mata”, os kaiowá e guarani ocupavam um amplo território; estão organizados em pequenos núcleos populacionais, integrados por macrofamílias sob a orientação dos chefes (de família) mais velhos, denominados de “tekoaruvicha” (chefes de aldeia) ou “ñanderu” (nossos pais). Seu território abrangia os dois lados da atual fronteira Brasil-Paraguai, numa extensão estimada em 20 mil km² (BRAND, 1997).

2 Existem 2.300 pontos de cultura no Brasil, sendo que 250 estão no Centro-Oeste e 40 deles no Mato Grosso do Sul. Uma minoria deles são indígenas, tanto em áreas próprias desses povos como aqueles que têm como público-alvo populações indígenas.

O maior desafio enfrentado pelos povos indígenas na atualidade segue sendo a posse dos territórios tradicionais, base necessária para a sua sustentabilidade e autonomia e um dos fatores mais relevantes para explicar a persistência de elevados índices de pobreza e as precárias condições de vida verificada entre muitos povos. Seguem sendo percebidos pelos Estados Nacionais que aqui se implantaram, como um estorvo e sinal de atraso, significando o risco de futuras fragmentações políticas. Vistos como povos passageiros ou transitórios, seu destino era o desaparecimento mediante a integração na sociedade ocidental, o que, na perspectiva dos povos indígenas, se traduziria em desintegração de seus territórios, modos de vida, organização social, economias, religiões e cosmovisões (LIMA, 1995).

Entre os anos 1915 e 1928, o governo federal demarcou oito reduzidas e dispersas extensões de terra para usufruto dos kaiowá e guarani, perfazendo um total de apenas 18.124 ha. Essas reservas, demarcadas pelo Serviço de Proteção aos Índios – SPI constituíram importante estratégia governamental de liberação de terras para a colonização e consequente submissão da população indígena aos projetos de ocupação e exploração dos recursos naturais por frentes não indígenas.

Os guarani e gaiowá vivem, hoje, confinados geográfica e culturalmente, tendo seu território, fundamental para a viabilização de sua organização social, passado progressivamente para espaços exígues, demarcados a partir de referenciais externos, definidos, tendo como perspectiva a integração dessa população ou a sua progressiva transformação em pequenos produtores ou assalariados a serviço dos empreendimentos econômicos regionais. Vivenciam um cotidiano marcado por toda a sorte de violências e preconceitos. É nesse contexto que devem ser situadas as falas dos representantes indígenas.

O Ponto de Cultura centra suas ações na cultura digital, que inclui um portal bilíngue,³ atualizado diretamente pelos participantes indígenas da aldeia Te'yíkue, através da instalação de laboratório de informática, aquisição de kit multimídia e operacionalização de acesso à internet via satélite, viabilizado pelo programa Gesac⁴. A opção pelo bilinguismo como metodologia tem por finalidade configurá-lo como um lugar físico-virtual de intercultura. Fleuri (2001, p. 138), referindo-se ao que denomina de relação intercultural, entende que se trata de “uma relação intencional entre sujeitos diferentes de diferentes culturas”, o que pressupõe, segundo ele, “ações deliberadas”.

De acordo com o professor kaiowá, Eliel Benites (2009), as novas tecnologias chegam para a aldeia “com objetivo de mos-

³ Acessível na internet pelo endereço <www.tekoarandu.org>.

⁴ Gesac: programa do Ministério das Comunicações para o acesso à internet via satélite. Atualmente a rede é composta por aproximadamente três mil pontos.

trar a realidade da vida cotidiana do guarani e kaiowá". Afirmou que eles pretendem apropriar-se dessa mídia para "divulgar a sua arte, língua, danças, reza no site, no blog, no YouTube, por e-mail e MSN". Para esse professor⁵, um outro meio é o cinema indígena que vem se desenvolvendo. Afirma que "com uma câmera na mão, você pode estar mostrando a vida na aldeia. Uma simples fotografia pode estar demonstrando a alegria dos povos nas cerimônias nos momentos importantes da luta. E projetando para rever novamente. Isso é inclusão", reconhece ele.

Referindo-se a uma oficina de vídeo realizada na aldeia, o professor indígena explica que, no início, foi difícil mobilizar os rezadores⁶ e convencê-los a colaborar nas filmagens. Mas, conclui, que, em pouco tempo, se engajaram a ponto de que, os que estavam envolvidos nas filmagens, "não tiveram mais pernas para atender suas propostas". Segundo ele, esse engajamento se deve ao fato de os rezadores compreenderem rapidamente o potencial apresentado pela iniciativa.

Após destacar que o vídeo – e as demais tecnologias associadas – tem uma "grande capacidade de invadir a privacidade indígena" porque são "tecnologias fortes e novas", o professor reconhece que "precisamos pensar bem o que nós [índios] queremos com isso". O que ganhamos com essas tecnologias? Lembra, a seguir, que mesmo projetos "bem intencionados" podem contribuir para desvalorizar a cultura e o modo de vida indígenas.

No entanto, reconhece que "ao contrário do não indígena", o produtor de vídeo *indígena* não consegue ficar sem interferir na cena. "A gente, como produtor cultural, fica sempre dentro e fora do que está sendo filmado". Afirma Eliel que, "na verdade, sempre estamos dentro". É isso que, segundo ele, vem acontecendo nas oficinas de vídeo, envolvendo jovens indígenas. Referindo-se à filmagem de rituais, Eliel reconhece que "eles [os jovens] foram se envolvendo, começaram a participar e se encantaram e encantaram os velhos rezadores". Conclui que os processos de filmagem ou de produção envolvendo as novas mídias são sempre processos de aprendizagem, em especial sobre como comportar-se no dia a dia e sobre "as razões das coisas".

Por isso, na aldeia Te'yikue, o Ponto de Cultura Teko Aranđu desenvolve suas ações em estreita articulação com a Escola Indígena Ñandejara-Polo. A instalação do laboratório de informática, em 2008, despertou a curiosidade de pais e jovens pela

5 O professor fez um curso de 30 dias sobre produção audiovisual com o cineasta quéchua Ivan Molina em La Paz, Bolívia.

6 São considerados rezadores as pessoas mais idosas, normalmente, e, por isso, também são as que melhor dominam os conhecimentos tradicionais dentro da aldeia e que assumem a condução de rituais religiosos.

informática e, especialmente, pela internet. Surgiram demandas como a necessidade de aulas de informática.⁷ Sobre a internet, a aluna Tainara Castelão, de 15 anos, assim se expressou:

A internet é importante para conhecer [um] mundo distante, [os] outros estados, países, que existem; outros indígenas. Antigamente, os documentos [eram escritos] no papel para [se] arquivar[em], não era resistente. Com a chegada do pen drive pode[se] guardar uma historia; a filmadora é um novo livro de recordações. Podemos parar o tempo para refletir, repensar, ver os detalhes que passaram despercebidos sobre um povo. Na máquina fotográfica, [a gente] se revê na história, numa projeção em data show. Inclusão digital é se incluir na diversidade.

A disseminação das novas tecnologias nesta comunidade indígena, em vivem cerca de seis mil índios, foi gradativa e ainda está em andamento. Pode-se afirmar que ocorre um processo de aposseamento destas novas ferramentas, que se traduz num maior empoderamento daquelas pessoas. Desde 2008, tem sido crescente a criação de e-mails por alunos e professores; surgiram blogues, fotoblogues, verbetes no sítio wikipedia.com, perfis nas redes sociais como o Orkut, além da alimentação sistemática do portal no sítio, num processo que se segue paralelamente à coordenação formal do Ponto.

O ponto de partida para o uso destas mídias foram as oficinas em software livre, como o Fedora e OpenOffice, além de aulas de fotografia, captação e edição de imagens. Um fato que chamou a atenção do professor Marcos, ministrante das aulas de Linux, foi a pouca resistência dos kaiowá em utilizar esta plataforma, tendo em vista que o contato deles com o sistema operacional Windows era recente e pequeno. De acordo com esse professor, a recepção dos índios destas novas tecnologias foi muito mais rápida que entre seus alunos não índios.

Novas mídias frente à identidade e à diferença

As afirmações dos participantes indígenas parecem confirmar a tese de Lévy (1999) segundo a qual as novas mídias são abertas à diversidade cultural. Os professores indígenas entendem que as novas mídias “podem mostrar ao mundo que existem as diferenças”. Cabe trazer aqui a distinção de Bhabha (2003) entre os conceitos de diversidade e de diferença. Para

⁷ No segundo semestre de 2009 houve aulas regulares e semanais para os alunos do 6º ao 9º ano. Dentro da metodologia intercultural, proposta pelo professor José Ribamar Bessa Freire, da UFRJ, durante uma roda de conversa com os professores indígenas na aldeia, as aulas de informática são ministradas por acadêmicos voluntários do Neppi/UCDB e por dois monitores indígenas kaiowá na língua guarani.

esse autor, diversidade tem a cultura como “objeto de conhecimento empírico” ou como “reconhecimento de conteúdos e costumes culturais pré-dados” e, portanto, o reconhecimento da diversidade cultural não questiona as relações de poder constituídas. No entanto, a diferença diz respeito ao “processo de enunciação da cultura como ‘conhecível’, legítimo”, como um “processo de significação” (BHABHA, 2003, p. 63), ou de afirmação da diferença/identidade, ou, ainda, a modos próprios de “cada grupo social ver e interagir com a realidade” (FLEURI, 2001, p. 139).

As novas mídias, sob a ótica dos professores envolvidos, parecem permitir mostrar as suas diferenças como povos indígenas, sujeitos coletivos que se afirmam como diferentes frente a um outro, no caso, o entorno regional que buscou historicamente negar essa diferença, caracterizando sua cultura como imprestável e sinal de atraso. Verifica-se, nesse sentido, um “ambiente intersticial” segundo Canevacci (2005). Para esse autor, “a passagem intersticial entre identificações fixas abre as possibilidades de uma hibridez cultural que aceita a diferença sem hierarquia acatada ou imposta” (CANEVACCI, 2005, p. 3).

A identidade, na perspectiva de Hall (2000), de Silva (2000), de Bhabha (2003) e outros não tem a ver com “essências”, mas é “conceito estratégico e posicional” e é sempre uma construção ou um “processo nunca completado”, de afirmar o que é frente a outros, diferentes (HALL, 2000). É, portanto, sempre relacional. No caso, tratamos os povos indígenas como sujeitos coletivos que se afirmam como diferentes frente a um outro, o colonizador, que buscou historicamente impor a esses povos, como povos colonizados, uma visão de “uma população de tipos degenerados, com base na origem racial”, para “justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução” (BHABHA, 2003, p. 111).

Essa é uma afirmação relevante, tendo-se em vista o contexto regional no qual os guarani e gaiowá estão inseridos, indicando um forte questionamento das relações de poder da pós-colonialidade. Mas o mesmo Bhabha (2003, p. 21) nos alerta de que a articulação social da diferença, da perspectiva das minorias (no caso os povos indígenas), “é uma negociação complexa em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica”.

Os povos indígenas têm sido caracterizados, pelos meios de comunicação regionais, como povos que não trabalham ou não sabem cultivar a terra e que seus problemas mais graves seriam consequência de limitações de sua própria cultura. Oulta-se propositadamente que a situação precária vivenciada pelas populações indígenas e, especialmente, os elevados índices de suicídio e de violência são decorrentes também da falta de

terras e, por isso mesmo, da falta de perspectivas de futuro. Ignora-se que eram povos que viviam autonomamente sem precisar da assistência estatal enquanto tinham terras suficientes para prover o seu sustento.

A estudante Tainara, com apenas 15 anos, percebe que as novas mídias parecem passar ao largo da exigência de integração subjacente à política indigenista do Brasil durante quase 500 anos. Percebe ser possível a inclusão dos povos indígenas pela diversidade ou, segundo Bhabha (2003), pelas diferenças afirmadas nos processos de “negociação” com o entorno regional e não mais a partir da superação dessas diferenças, como previa a política indigenista como e querem setores importantes do entorno regional.

Esse parece ser o entendimento dos próprios rezadores guarani ao se disporem a contribuir de forma surpreendente com os produtores culturais indígenas, vistos como instrumento e que os valorizam, segundo o professor kaiová Devanildo Ramiros (2009). Hoje, percebemos a cultura como algo dinâmico, que não se perde, mas que é constantemente reinventado na interação com o entorno, recomposto e investido de novos significados. Os conceitos de cultura e identidade são entendidos como construção social e, segundo Hall (2000, p. 108), estão sujeitos a uma “historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação”, na relação com o outro, ou na relação com a diferença. Para esse autor, as identidades “são produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas (também) específicas...” (HALL, 2000, p. 109).

Fica claro que essa interlocução intercultural é relevante para o processo de afirmação interétnica, como afirma Boyarin (1993, p. 127 apud CANEVACCI, 2005, p. 7):

A identidade cultural diaspórica nos ensina que as culturas não se conservam quando protegidas de qualquer “mistura”; aliás, provavelmente podem continuar existindo somente como produtos de semelhante mistura. As culturas, tal como as identidades, devem ser continuamente remodeladas.

Para que isso seja possível, parece fundamental atentar para a observação do designer/professor José Sarmento, pesquisador do NEPPI/UCDB. “Devemos ter o cuidado para que, junto com a oferta dessas novas tecnologias, não se imponham, também, as nossas lógicas e os nossos critérios de beleza e de estética”. Essa observação torna-se relevante em um momento em que os padrões estéticos adotados por aqueles que fazem chegar essas ferramentas midiáticas até as aldeias trazem consigo um gabarito com um padrão estético e comportamental construído no âmbito da cultura ocidental. Esses cuidados na

oferta das tecnologias da comunicação adquirem relevância especial, tendo em vista que nos confrontamos com padrões estéticos que ainda não tiveram a oportunidade de florescer nesses ambientes virtuais.

Algumas considerações não conclusivas

Inicialmente, cabe destacar que novas tecnologias parecem se constituir em importante recurso nas mãos dos jovens indígenas para a visibilização de sua cultura a partir de suas escolhas e, nesse sentido, para sua autonomia frente ao entorno regional. A inclusão digital abre a possibilidade de redes de solidariedade e de colaboração virtual sem a exigência da integração e da negação das diferenças, verificadas em outras iniciativas de inclusão.

Considerando a concepção de território guarani como “território de comunicação”, no qual se produzem e se reproduzem relações de solidariedade (MELIÀ, 2008),⁸ a inclusão digital sinaliza a ampliação desse território para um “território virtual”, sem cercas e sem limites para a comunicação indígena. E esse é um aspecto de grande relevância frente ao fechamento cada vez maior da comunicação guarani no território físico, do qual ocupam apenas pequenas ilhas, constantemente ameaçadas pelo agronegócio. A inclusão digital na perspectiva aqui sinalizada permite relativizar fronteiras estabelecidas pelo colonizador.

Esse território virtual parece ser percebido pelos guarani como um espaço importante para quebrar o confinamento que lhes foi historicamente imposto, abrindo novos canais de visibilidade para seus problemas e um novo espaço de afirmação de sua autonomia cultural. No dizer do professor kaiowá Devanildo Ramires, mas não unicamente dele, as novas ferramentas de comunicação são armas para a defesa cultural dos índios.

Porém, para isso, além da disponibilização das tecnologias, são necessários cuidados metodológicos centrados na interlocução e diálogo constante com a comunidade local, buscando despojar a transferência tecnológica das concepções ocidentais de estética e valor. Como afirmam os representantes indígenas envolvidos, são tecnologias fortes e com grande capacidade de invadir a privacidade indígena. Portanto, maiores devem ser os cuidados para que, sob o argumento da transferência tecnológica, não ocorram imposições culturais.

A experiência de inclusão digital, em desenvolvimento entre os kaiowá e guarani, constitui-se em laboratório, tendo em vista a sua extensão a outras aldeias, pois há ainda localidades indígenas de Mato Grosso do Sul que seguem excluídas do acesso à in-

8 Apresentação em seminário realizada em Foz do Iguaçu, no Paraná, em 2007.

formática, o que reproduz a exclusão do território e de bens materiais imposta no decorrer do processo de colonização.

Projetos culturais e tecnologias da informação constituem-se potencialmente em ferramentas contra o preconceito e a favor da afirmação cultural e podem fortalecer as demandas por território. Entre os recursos potenciais e que se consideram elementos de inclusão digital em áreas indígenas aparecem como relevante o georreferenciamento, a radiofonia, o acesso à internet e a demais instrumentos audiovisuais que favorecem intercâmbios, registros e divulgação de mensagens consideradas importantes pelos povos autóctones.

As mesmas ressalvas críticas em relação às novas tecnologias da comunicação aplicam-se à inclusão digital indígena. Na linha da comunicação como troca cultural, explorada nesse artigo, é importante reforçar que os maiores investimentos para promover inclusão digital estão na capacitação de pessoas e não em equipamentos. Uma grande contradição da era da comunicação está no fato de que a multiplicação técnica das possibilidades comunicacionais não implicou em maior troca cultural e em menos conflitos. Uma rápida reflexão indica que a sociedade tornou-se refém do leviatã digital que tende a submeter a vontade de todos a uma só, como destacou o sociólogo da comunicação Ciro Marcondes Filho (cf. 2004, p. 15s). Nesse contexto, os povos indígenas tendem a continuar excluídos e impactados negativamente, mesmo com a chegada de equipamentos tecnológicos nas aldeias, o que tende a ser um bom negócio para as empresas fornecedoras de equipamentos. Como destacou Moran (1994, p. 4), uma das contradições das tecnologias modernas é o fato da maioria não ter acesso aos seus recursos. Uma leitura mais otimista leva a crer, porém que, com as fusões de grandes companhias como a Google e Microsoft na onda da *cloud computing*, as perspectivas de barateamento dos serviços devem ser vistas criticamente.

A Educação a Distância é um processo de ensino/aprendizagem, mediado por tecnologias, no qual professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente (MORAN, 1994, p. 4). No caso específico dos Guarani do ponto de cultura observa-se que as novas tecnologias tendem à fusão entre o vídeo e a internet, permitem a interação e a educação continuada, mediante consulta e alimentação de verbetes na enciclopédia online livre, a Wikipedia, além de servir de apoio ao ensino regular, tanto em nível básico, pois o ponto está instalado numa escola onde uma parte dos professores são índios que cursam o ensino superior na universidade em programas de formação de professores.

O ponto de cultura proporcionou um intercâmbio maior de saberes via vídeos online e endereços de redes sociais como o Twitter, Orkut e Facebook. A vinculação com a escola foi rele-

vante, pois se deve entender aula como pesquisa e intercâmbio (MORAN, 1994). Por outro lado, há experiências ruins de aula multiplicada ou disponibilizada como práticas não educativas e demasiadamente comerciais, além de mídias tradicionais unidireccionais que não permitem espaço de interlocução para os Guarani e outros destinatários se posicionarem, não configurando assim, forma alguma de interação e, evidentemente, de comunicação (MORAN, 1994).

O Ponto de Cultura está caminhando para ser audiovisual como a internet. Esse objetivo será facilitado na medida em que a largura de banda e as tecnologias de *streaming* aumentem a velocidade de upload dos conteúdos produzidos, editados e difundidos a partir da aldeia.

Referências

- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte, UFMG, 2003.
- BRAND, Antonio. *O impacto da perda da terra sobre a tradição Kaio-wá|Guarani: os difíceis caminhos da Palavra*. 1997, 398 f. Tese (doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- CANEVACCI, Mássimo. In palestra: Gemação diaspórica e subjetividade sincrética. *Seminário internacional gemas da terra: imaginação estética e hospitalidade*. São Paulo: Março de 2005.
- FLEURI, Reinaldo Matias. Desafios à educação intercultural no Brasil. *Educação, Sociedade e Culturas*, n. 16, p. 45-62, 2001.
- GODOI, Emilia Pietrafesa. O sistema do lugar: história e memória no sertão. In *Além dos territórios*, Ana Maria de Niemeyer, Emilia Pietrafesa de Godoi (org.), Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 97-132.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade?. In *Identidade e diferença*. A perspectiva dos Estudos Culturais, (Tomaz Tadeu da Silva, Stuart Hall, Kathryn Woodward (org), Rio de Janeiro: Vozes, 4. ed., 2000, p. 103-133.
- ILHARCO, Fernando. A Interculturalidade e as Novas Tecnologias in LAGES, Mário e TEODORO DE MATOS, Artur. *Portugal Intercultural: Razão e Projecto*. Vol. 4. Lisboa: CEPCEP-UCP e Alto Comissariado para a Integração e Diálogo Intercultural, 2009.
- LÉVY, Pierre. *Ciberlegenda*, n. 2, 1999.
- LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* São Paulo: 34, 1996.
- LIMA, Antônio Carlos de Souza. *Um grande cerco de paz: poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MACHADO, Glauci José Couri. *Educação e Ciberespaço*. Disponível em www.educacaoeciberespaço.net Acesso em 10/01/2008.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *O Escavador de Silêncios*. Formas de construir e de desconstruir sentido na comunicação. São Paulo: Paulus, 2004.
- MARTINO, Luis Mauro Sá. *Comunicação: troca cultural?* São Paulo: Paulus, 2005.

MORAN, José Manuel. *Novos caminhos do ensino a distância*. In Informe CEAD – Centro de Educação à Distância. SENAI, Rio de Janeiro, ano 1, n. 5, out./dez. de 1994, páginas 1-3.

RAMIRES, Devanildo. *Ponto de Cultura Teko Arandu*. UCDB: Campo Grande, 2009.

SCHADEN, Egon. Aculturação indígena. Ensaio sobre fatores e tendências de mudança cultural das tribos índios em contato com o mundo dos brancos (tese), *Revista de Antropologia*, S. Paulo, v. 13, 1965.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade da diferença. In *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*, (Tomaz Tadeu da Silva, Stuart Hall, Kathryn Woodward (org), Rio de Janeiro: Vozes, 4. ed., 2000, p. 73-102.

TURINO, Célio. *Ponto de cultura: o Brasil de baixo para cima*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2009.

TEMAS DOS CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – Dr. José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Dra. Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – MS Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Jornalista Sonia Montaño
- N. 04 *Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Dr. Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Profa. Dra. Suzana Kilpp
- N. 08 *Simbios Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Profa. Dra. Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Prof. Dr. Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Profa. Dra. Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Profa. Dra. Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Profa. Dra. Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Prof. Dr. Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Profa. Dra. Débora Krischke Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Profa. Dra. Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Profa. Dra. Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Profa. Dra. Lucilda Sellì
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Prof. Dr. Paulo Henrique Dionisio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Prof. Dr. Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Profa. Dra. Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Profa. Dra. Nísia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – MS Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Prof. Dr. Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – Prof. MS José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Prof. Dr. Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – Prof. Dr. André Gorz
- N. 32 *À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades* – Prof. Dr. André Sidnei Musskopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Profa. Dra. Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Prof. Dr. Ailton Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho
- N. 38 *Rosa Egipciaca: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Prof. Dr. Luiz Mott.
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Prof. Dr. Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – MS Adriana Braga
- N. 41 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Profa. Dra. Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de "A Teoria da Classe Ociosa"* – Prof. Dr. Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva & Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Prof. Dr. Gérard Donnadieu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Prof. Dr. Lothar Schäfer
- N. 46 *"Esta terra tem dono". Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Profa. Dra. Ceres Karam Brum
- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Prof. Dr. Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Prof. Dr. Gérard Donnadieu
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Prof. Dr. Geraldo Monteiro Sigaud

- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Prof. Dr. Evilázio Teixeira
- N. 51 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Élida Azevedo Hennington & Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais* – Prof. Dr. Thomas Kesselring
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Prof. Dr. Adriano Naves de Brito
- N. 53 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 54 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – Profa. Dra. An Vranckx
- N. 55 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 56 *O decrescimento como condição de uma sociedade convivial* – Prof. Dr. Serge Latouche
- N. 57 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Prof. Dr. Günter Küppers
- N. 58 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Dra. Hazel Henderson
- N. 59 *Globalização – mas como?* – Profa. Dra. Karen Gloy
- N. 60 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – MS Cesar Sanson
- N. 61 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo* – Profa. Dra. Regina Zilberman
- N. 62 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Prof. Dr. Fernando Lang da Silveira e Prof. Dr. Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátila Andressa da Silva
- N. 64 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
- N. 65 *Darcy Ribeiro e o povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Profa. Dra. Léa Freitas Perez
- N. 66 *Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. João Guilherme Barone
- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Prof. Dr. Ney Lemke
- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Profa. Dra. Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e da juventude: modulações e articulações* – Profa. Dra. Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Prof. MS Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Profa. Dra. Ana Maria Lugão Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Prof. Dr. Octavio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Prof. Dr. Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missionária colonial e seu território* – Prof. Dr. Arno Alvarez Kern
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Profa. Dra. Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Bioética* – Prof. Dr. Alfredo Culleton & Prof. Dr. Vicente de Paulo Barretto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Prof. Dr. Attico Chassot
- N. 85 *Demandas por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Profa. Dra. Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Prof. Dr. Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Profa. Dra. Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Prof. Dr. Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Prof. Dr. Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Profa. Dra. Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Prof. Dr. Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Prof. Dr. Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – MS Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência* – Prof. Dr. Peter A. Schulz
- N. 96 *Viana Moog como intérprete do Brasil* – MS Eníldo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Profa. Dra. Marinês Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – MS Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Dra. Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Prof. Dr. Valerio Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes
- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – MS Adriano Premebida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Profa. Dra. Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha

- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Profa. Dra. Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Profa. Dra. Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático?* – Prof. Dr. Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Prof. Dr. Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração* – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – MS Sonia Montaño
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Prof. MS Carlos Daniel Baioto
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques & Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral & Nélio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascudo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstoi – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel*
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet & Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *A fililia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaiá Borges Abrão
- N. 132 *Lingüagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira & Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklass Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke & Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leistner*
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borba da Silva
- N. 140 *Platão e os Guaranis* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta
- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas*
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge & Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schutz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois”* – Claudia Wasserman
- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni



Neimar Machado de Sousa é graduado em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco (1997), mestre em História Regional pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2002) e doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (2009). Atualmente é professor nos cursos de graduação em História, Filosofia, Administração; também leciona o PPG em Educação nas áreas de Diversidade Cultural e Educação Indígena. Atua como pesquisador no Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas – Neppi. Preside a Associação Nacional de História – Anpuh, seção de Mato Grosso do Sul, biênio 2010-2012. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Latino-Americana, História das Ideias, Fundamentos Históricos e Filosóficos da Educação e Educação a Distância.



Antonio Brand é graduado em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, mestre e doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Atualmente é professor nos programas de mestrado e doutorado em Educação e Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco. Tem experiência na área de História, com ênfase em História da América, atuando nos seguintes temas: educação indígena, território, desenvolvimento local e sustentabilidade, concentrando suas pesquisas junto à população kaiowá e guarani, em Mato Grosso do Sul. É coordenador de Grupo de Pesquisa (Programa Kaiowá/Guarani) e do Projeto Rede de Saberes. Tem desenvolvido diversos projetos junto a essa população, projetos que buscam articular a pesquisa e o desenvolvimento de atividades de extensão.



José Francisco Sarmento é mestre em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, pós-graduado (especialista) em Marketing pela UCDB/INPG São Paulo e graduado em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. É professor e pesquisador da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB desde 1997, onde tem ministrado disciplinas nos cursos de Design, Publicidade e Jornalismo, relacionadas a direção de arte, projeto gráfico, projeto gráfico editorial, desenvolvimentos de produtos e embalagem. Coordenador da graduação e da pós-graduação em Design da UCDB. Atualmente, também é responsável pela área de Comunicação e Design do Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas – Neppi/UCDB, onde realiza pesquisa sobre a inclusão digital e de novas tecnologias em comunidades tradicionais. Tem se dedicado a pesquisar o grafismo e a cultura material de comunidades tradicionais, relacionando com o Design e a sustentabilidade através do olhar do Etnodesign, termo oriundo de sua pesquisa de mestrado.